

Estado na lista do agrotóxico

FERNANDO RIBEIRO - 25/05/2007

Espírito Santo é líder em vendas de herbicidas e tem maior registro de queimadas do Sudeste e do Sul

O Espírito Santo é líder em vendas de herbicidas no Brasil, com a média de 3,7 quilos por hectare de área. Além disso, quando se trata de agrotóxicos, o Estado, que vende em média 4,7 quilos por hectare, só perde para São Paulo.

Os dados compilados pelo Ibama foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em seus Indicadores de Desenvolvimento Sustentável 2008.

Eles mostram também que, em relação aos problemas ambientais no Brasil, há sinais contraditórios, com evolução em algumas áreas e retrocesso em outras.

“Em relação ao agrotóxico, o

Espírito Santo é o segundo maior, só perdendo para São Paulo. Se for analisada a quantidade de herbicida, o Estado salta para primeiro. Os dados são preocupantes”, comentou Shella Gameiro, coordenadora de divulgação de censos do IBGE.

Em relação às queimadas, o Espírito Santo teve o maior percentual entre os estados do Sul e Sudeste. Quanto ao número de focos no Estado, Shella disse que houve uma redução.

“Mas a diminuição não foi representativa. Entre 2004 e 2006, houve 3,2% de redução, sendo 156 focos em 2004 e 151, em 2006”, concluiu.

O engenheiro agrônomo e pesquisador do IBGE, Elpídio de Frei-

tas, informou que a pesquisa sobre agrotóxicos é feita pelo volume de vendas e não o consumido pelo agricultor no mesmo Estado. “Ele pode ter a venda executada em um estado e ter vendido para outro”, frisou.

Freitas acrescentou, ainda, que o dado não é disponibilizado por município e, sim, por estados. “Por isso, não sabemos onde está sendo aplicado o agrotóxico”, argumentou.

A coordenadora do Centro de Atendimento Toxicológico da Secretaria Estadual de Saúde, Sony de Freitas Itho, disse que se preocupa com os dados.

“Temos que verificar como essas informações foram compiladas, para saber de que forma iremos trabalhar a questão e diminuir o impacto para a saúde humana e o meio ambiente”, comentou.

Ela acrescentou: “Por vender mais agrotóxicos, não quer dizer que os produtos estejam sendo consumidos aqui. A área utilizada para agricultura no Estado é muito pequena para esse volume de produtos”.

Shella Gameiro
apresentou os dados da pesquisa



RESULTADOS DA PESQUISA

INDICADORES POSITIVOS:

- Redução de consumo de substâncias destruidoras da camada de ozônio e o aumento do número de unidades de conservação (UCs) e de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs).
- Os focos de incêndio também sofreram redução entre 2004 e 2006, e a poluição atmosférica mantém sua tendência estacionária.
- O consumo de substâncias destruidoras da camada de ozônio (O₃) vem sendo reduzido, de forma geral, em todo o mundo. No Brasil, esse consumo anual tem

caído aceleradamente, superando inclusive as metas.

- Entre 2004 e 2006, o número de focos de calor, que indicam queimadas e incêndios florestais, caiu de 236.014 para 117.453, uma redução de 50%. Os dados são do Ibama e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

INDICADORES NEGATIVOS:

- A poluição dos rios que cortam as maiores regiões metropolitanas e a das praias mantém seus níveis elevados.
- As quantidades de fertilizantes e agrotóxicos usados na agricultura cresceram, e

as apreensões de alguns animais que seriam comercializados ilegalmente também aumentaram.

- Indicadores como o desmatamento na Amazônia, que vinham melhorando, sofreram revezes no período mais recente.
- A qualidade da água dos rios e represas brasileiros está longe do ideal. Os Índices de Qualidade da Água (IQA) mais baixos se referem aos altos cursos dos rios Iguaçu e Tietê, que atravessam, respectivamente, as regiões metropolitanas de Curitiba e São Paulo.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Instituto analisa os dados

O Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (Idaf), órgão responsável no Estado pela fiscalização dos produtos agrotóxicos e pela análise de resíduos desses componentes nos alimentos, informou, por meio de nota, que necessita realizar uma análise técnica dos dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com os dados existentes no Idaf, o Estado utiliza aproximadamente 2% dos agrotóxicos produzidos no Brasil. “Historicamente, os estados que constam nos primeiros lugares para uso de agrotóxicos são São Paulo, Goiás, dentre outros, devido à própria estrutura agrária e a plantações cultivadas, como cana-de-açúcar”, informou a nota.

Ainda, de acordo com o comunicado, é preciso considerar que o Espírito Santo é rota de distribuição de produtos, devido à logística do Estado.

Por isso, parte dos produtos que entram no Estado não são aplicados na lavoura, e, sim, distribuídos posteriormente para estados como Bahia e Minas Gerais.

Toda agricultura que não é orgânica necessita de algum defensivo agrícola, como o herbicida e o inseticida. De acordo com Lúcia Maria Porreca, química e

analista ambiental do Ibama-ES, “realmente no Estado há um uso significativo de agrotóxicos, a não ser que seja uma agricultura orgânica”.

Segundo ela, existem agrotó-

xicos cujos efeitos são praticamente nulos para os seres humanos. “O problema do agrotóxico não é o seu uso, mas, sim, a utilização inadequada ou proibida”, concluiu.

